

URANIO BONOLDI

A CONTRA- PARTIDA

LIVRO 3

A CONTRA-HISTÓRIA

valentina 

Rio de Janeiro, 2023
1ª Edição

PARTE UM

Como Tudo Começou

Efeito



8 de junho de 2016, 23h55

Urro selvagem, enlouquecido. Não deu tempo de amparar o amigo que desabou. O corpo se sacode em convulsões intensas, a cabeça bate com força contra o piso, emitindo um som horroroso de fratura. É tarde, mas ainda assim ele cai de joelhos e segura a cabeça do amigo, quer minimizar a dor que constata naquele rosto desfigurado. O corpo, entretanto, não demonstra reação à dor, exhibe somente espasmos. Klaus está estrebuchando como um porco aberto a faca, sua boca espuma e expele uma gosma que escorre pelo pescoço e peito, e mancha a camisa e a mão do companheiro.

– É um ataque epilético! Ele vai se engasgar e morrer sufocado! Preciso segurar a língua para não enrolar! – berra Otto Jr. Aos poucos, os tremores diminuem, e Klaus parece se entregar. Em meio a borbulhas, consegue pronunciar algumas palavras, espalhando respingos asquerosos na cara do amigo:

– Tô... morrendo, vou morrer...

– Não! Para com isso!!! Você não vai morrer! Eu estou aqui, vou cuidar de você! Fica comigo! Fala comigo...

Entretanto, a aparência do amigo é horripilante. Ele não consegue controlar o corpo, a fala, os olhos estão revirados.

Otto Jr. faz um apelo sufocado:

– Deus do céu, não leva o meu amigo! O meu amigo, não!

As pessoas no camarim rodeiam os dois, sem saber o que fazer. Estão atônitas com a cena. Falam umas com as outras, vozes aflitas e desencontradas, perguntando ao mesmo tempo o que aconteceu. Acabaram de sair de um show, estão cansadas, suadas, desejam apenas relaxar e beber alguma coisa. Mas

deram de cara com a cena torturante de Klaus se debatendo contra a morte, e ficam sem reação.

O calor de Manaus, mesmo com o ar-condicionado do camarim no máximo, é mais um elemento para transformar em inferno a aflição geral. Otto Jr., ainda de joelhos, ergue o rosto para gritar com todos e com ninguém ao mesmo tempo:

– Caralho! Liguem pro 190! Rápido! O Klaus tá mal! Ou é 192, porra! Merda, liguem pra alguém, peçam ajuda, pelo amor de Deus!

Uma onda súbita de vômito lança dejetos fétidos nas mãos de Otto Jr. Mais tremores, mais tentativas de uma fala gutural. Nada se compreende do que pretende dizer aquele homem que parece devastado por dentro, cuspiendo alimentos mal digeridos e bile. Otto Jr. continua sustentando a cabeça de Klaus, e agora já se vê um filete de sangue escorrer pela sua nuca. A pancada contra o piso abriu um corte profundo, e Otto Jr. sente a mão aquecer.

– Klaus, aguenta, aguenta... Daqui a pouco vai chegar ajuda! – diz, sem muita confiança nas próprias palavras. Ele percebe que já não se trata apenas de uma crise epilética, mas de algo muito mais sério. Sabe que o companheiro está pior do que havia pensado e já começa a duvidar que ele sobreviverá. Soluça, vendo a luz dos olhos do amigo se apagar e a vida se esvaír do corpo. Sente-se numa cena de guerra, amparando um companheiro destroçado por ter pisado numa mina terrestre. Neste caso, porém, não há morfina que possa atenuar a dor que o amigo está sentindo. A analogia é devastadora, porque Otto Jr. conhece bem como costumam acabar essas tristes e sangrentas cenas.

Klaus e Otto Jr. são amigos desde o ginásio. Aprenderam juntos as delícias e as dores da adolescência. Confiaram um ao outro as evoluções do corpo, os pentelhos brotando, as poluções noturnas, o tesão pelo que imaginavam existir dentro das calcinhas das meninas da escola. Mais tarde, passado o período da sacanagem fantasiosa, sossegaram, paqueraram, namoraram, sempre confiantes um do outro. Cresceram física e emocionalmente, e se tornaram dois jovens bem-educados, amigos entre si e amigos dos amigos. As pessoas os respeitavam porque tratavam a todos com amabilidade.

Tinham vocação para a música, algo que contribuiu para os unir ainda mais. No começo, dedicavam algumas horas do dia, depois da escola, para imitar os sons de bandas famosas, Klaus na bateria, Otto Jr. no vocal e na guitarra, além de outros instrumentos, porque nascera com um dom especial – o ouvido absoluto. Buscaram afirmação musical em bandas de várias épocas, depois selecionaram melhor o tipo de música que mais lhes agradava e montaram um repertório que somava pop com uma pegada de jazz e uns temperos sonoros de blues. O som ficou mais refinado e chamou a atenção da vizinhança. Não demorou para que mais um garoto se juntasse à dupla, com seu contrabaixo.

Otto Jr. começou a tirar do papel algumas composições que não tivera coragem de mostrar a ninguém, a não ser a Klaus. A equipe, já acrescida de um bom especialista em instrumentos de sopro, gostou das canções. Capricharam nos arranjos, partiram para ensaios mais sérios e investiram em produção de cenários e efeitos especiais. Ao longo dos anos, a banda passou a tocar com regularidade em vários bares e casas noturnas de São Paulo, depois vieram os convites para outras capitais brasileiras, ganharam fama e se apresentaram no Brasil inteiro, até que chegaram os primeiros convites para se apresentarem no exterior. Essa é uma história bem resumida dos mais de dez anos da banda.

Otto Jr. chegou quinze dias antes do show em Manaus, pois desejava fazer um tour com a mulher e a mãe pela região, para conhecer lugares que nunca visitara. Avesso a badalações, alugou uma casa, em vez de se hospedar no Root Hookah Lounge, oferecido pelo contratante, diferentemente dos demais integrantes da banda, que desembarcaram um dia antes do show e seguiram direto para o hotel.

O show começou pontualmente às 21h55, porque Otto Jr., o band leader, detestava atrasos. Achava um desrespeito com o público. Após a primeira parte da apresentação, fizeram um pequeno intervalo de dez minutos para hidratação, troca de figurino, especialmente das três backing vocals, e voltaram para mais uma hora. Terminado o show, ainda tiveram que retornar ao palco só para agradar a galera, que pediu bis por mais de um minuto. Por fim,

as cortinas se fecharam, as luzes da plateia acenderam, os fãs começaram a sair, e a banda seguiu para o camarim.

– Que cerveja estranha é essa aqui?! – pergunta Alberto, empresário da banda, com a voz alterada. – Klaus bebeu isso?! Nós não pedimos essa cerveja!

Todos olham para a lata no chão, ao lado de Klaus. Realmente, uma lata com rótulo marrom não fazia parte das bebidas que o contratante havia mandado para o camarim, e muito menos a pedido do empresário.

Alberto olha então para a bancada em frente ao espelho iluminado onde Otto Jr. se preparou. Na ponta há outra lata aberta. Volta-se para o baterista e constata que ele está imóvel, olhos vidrados, sem sinais vitais. Desesperado, olha para Otto Jr. e constata que ele também está intoxicado. Torna a olhar para a lata em cima da bancada, já adivinhando que Otto Jr. também bebeu o que quer que seja o líquido contido naquele maldito vasilhame. Encara o companheiro, que tem o rosto banhado em lágrimas e agora sua abundantemente.

– Alberto, fomos envenenados – balbucia Otto Jr., que não consegue dizer mais nada e começa a se contorcer, sentindo as entranhas em chamas.

– Ninguém toca em nada! – ordena Alberto. – As latas poderão dar pistas de quem foi o... Otto, fala comigo! Cadê a porra do socorro que não chega, caralho!

O Hospital Rio Negro informou ter mandado uma ambulância, mas o local da casa de shows é praticamente do outro lado da cidade, no bairro de Flores.

– Não vai dar tempo de prestar socorro, gente! – É a voz de Cristina, mãe de Otto Jr., no mais profundo desespero. Ela chora, abraçada à nora. Ambas tentam, de alguma forma, dar conforto aos dois jovens no chão, enlaçados num abraço fúnebre.

Otto Jr. está consciente, apesar da aparência horrível. “Tenho que vomitar...”, pensa ele. “Botar pra fora esse veneno, ou pelo menos parte dele, e assim, quem sabe, diminuir o risco de morte.”

Faz um esforço brutal, que certamente os outros não percebem. Consegue apenas expelir uma baba grossa e sangue. Repentinamente, solta uma

golfada de vômito misturada com sons ininteligíveis. “Não posso morrer desse jeito!” – é o que tenta dizer o rapaz, buscando controlar os espasmos musculares causados pela dor.

Move um pouco o corpo na direção de Klaus, para comprimir a barriga contra a cabeça do amigo e forçar outra vez o vômito. Luta... E continua buscando forças para lutar. Mas lhe parece que a realidade vai vencer o desejo de viver. “Não adianta. Não adianta! A morte está chegando...”

Sente uma vertigem ao olhar, talvez pela última vez, pessoas desesperadas ao seu redor, o piso sujo, fétido. Supõe, na sua agonia, que são os paramédicos. Seus olhos reviram, mostram o branco dos globos oculares, uma imagem pavorosa! Não consegue distinguir mais nada. Ainda agarrado ao amigo, solta um soluço e deixa-se levar pela dormente sensação de abandono. Escurece...